

**MITO, HISTORICIDADE E DIMENSÃO TRÁGICA NO TEATRO
DO SÉCULO XX**

*Maria Magaly Trindade GONÇALVES**

Impõe-se de início uma alteração na ordem dos elementos expressos no título, transformando-se este então em: **Mito, dimensão trágica e historicidade no teatro do século XX**, não por estar errado o original, mas por ser mais operacional o segundo para a discussão aqui pretendida. Dimensão mítica e dimensão trágica, além de coexistirem em situações variadas, podem, mesmo quando exprimem fatos distintos, relacionados a situações profundamente diversas, apresentar-se como termos paralelos, não sendo raro a discussão de um suscitar o outro, por analogia ou até por implicação.

Foi ainda na Antiguidade que se começou a atribuir à palavra mito um sentido que poderia ser resumido como "aquilo que não pode existir realmente", o que transparece hoje em línguas européias, onde ela representa "mentira", "falsidade" ou "ficção". Para um antropólogo como

* Docente do Programa de Pós-Graduação.

Mircea Eliade, no entanto, a palavra designa um relato sagrado, recobrando a criação do mundo e do homem:

"En somme, les mythes décrivent les diverses, et parfois dramatiques, irruptions du sacré (ou du 'sur-naturel') dans le Monde. C'est cette irruption du sacré qui fonde réellement le Monde et qui le fait tel qu'il est aujourd'hui. Plus encore: c'est à la suite des interventions des Êtres Surnaturels que l'homme est ce qu'il est aujourd'hui, un être mortel, sexué et culturel."

(2, p. 15)

O sagrado "irrompe" no mundo e é nesse ato que o mundo se torna o que é, que o homem se torna o que é. O fato mítico (de natureza sagrada) confere, pois, ordem ao mundo e sentido à existência humana, revelando-se às vezes nitidamente como a passagem do caos para o cosmo. **Ordem e sentido, cosmo** após o **caos** são termos essenciais para a compreensão do mito, como também o é **sacralidade**.

O mito, por outro lado, afirma enfaticamente a presença de algo exterior ao homem, algo que, em última análise, oferece-lhe um quadro re

ferencial, uma medida. O senso de ordem fica evidente na exemplaridade dos atos cosmogônicos. Tais atos assumem ainda o papel de restauradores da saúde ou do equilíbrio, seja do homem, seja do mundo, quando rememorados ritualisticamente. A restauração da saúde do indivíduo é paralela à instauração da ordem, do cosmo no mundo, em processo de rememoração. Em outros termos, o equilíbrio do homem é decorrência de sua inserção numa ordem que lhe é exterior, da harmonia indivíduo - mundo. A medida do homem, vê-se, não é uma questão puramente subjetiva.

Nossas considerações sobre a dimensão trágica serão sumárias. Sem nos determos nas infindáveis discussões sobre o trágico, sua natureza, sua essência, atentemos apenas para um de seus aspectos, sua **inerência ao real**, como resultado da finitude, da contingência do humano, sua **separação ontológica**, nas palavras de Sartre. Este aspecto, à semelhança do mito, impõe a presença de uma realidade exterior ao homem. No trágico, mais uma vez, a medida do homem não é uma questão puramente subjetiva. Observe-se, entretanto, que:

"... a finitude ou a separação ontológica que caracterizam o homem não são em si mesmas trágicas: o homem como homem, em sua condição, não é trágico. A separação ontológica é muito mais o elemento possibilitador do trágico, é aquele rasgo na natureza humana que em tais e tais circunstâncias adquire ou não uma coloração trágica."

(1, p. 72)

O trágico ocorre, portanto, em determinadas circunstâncias, em condições específicas. O que nele se manifesta, às vezes ostensivamente, é o senso de ordem restaurada:

"... se o homem é um dos pressupostos fundamentais do trágico, outro pressuposto não menos importante é constituído pela ordem ou pelo sentido que forma o horizonte existencial do homem. [...] só a partir desses dois pressupostos se torna compreensível o conflito que caracteriza a ação trágica."

(1, p. 73-74)

No trágico, diferentemente do que ocorre no mito, a relação com algo a ele exterior aparece problematizada. A tragédia, expressão do trágico no plano do teatro, enfatiza exatamente esse carã

ter problemático, a perplexidade do homem diante do mundo. George Steiner chama a atenção para a irracionalidade aparente do conflito humano com um quadro exterior:

"Tragic drama tells us that the spheres of reason, order, and justice are terribly limited and that no progress in our science or technical resources will enlarge their relevance. Outside and within man is **l'autre**, the "otherness" of the world. [...] It waits for us in ambush at the cross-roads. It mocks us and destroys us. In certain rare instances, it leads us after destruction to some incomprehensible repose."

(3, p. 8-9)

Neste sentido, o trágico opõe-se, até certo ponto, à visão judaico-cristã, como bem ilustra a história de Jó, cujos sofrimentos são plenamente aceitáveis em vista das recompensas a ele concedidas. A chamada falha de julgamento, ou a infelicidade, na visão judaica, não são irreparáveis, e, por trás da adversidade, afirma-se claramente o desígnio de Deus, que justifica a dor e redime o homem.

Permanece, entretanto, no trágico um senso de ordem, de cosmo, de equilíbrio no universo, uma ordem que é celebrada no sacrifício do he

rói, mesmo com sua morte. A ordem, que fora que brada de alguma forma, é restabelecida no sacrifício. É uma restauração problemática, "trágica", se comparada à recuperação do equilíbrio individual - mundo no pensamento mítico. Neste, entretanto, como na tragédia, afirma-se a presença de uma ordem exterior ao homem, uma ordem na qual ele se deve integrar harmonicamente.

O mundo moderno, pós-renascimento, e mesmo o medieval (cristão), se não inviabilizam totalmente a tragédia, tornam impossível sua "pureza" grega. Primeiro porque um crescente subjetivismo aproxima o homem de um dado irredutível, enfraquecendo-lhe um referencial exterior, e até a idéia de sua "medida" é alterada. No mundo moderno não há muito lugar para a força original do pensamento mítico. Segundo porque o mundo moderno e o contemporâneo são marcados pelo pensamento histórico.

O senso histórico parece contrariar o pensamento mítico e o trágico. Ele corresponde essencialmente ao mundo judaico-cristão e, aparentemente paradoxo, à visão marxista. E:

"The Marxist world view, even more explicitly than the Christian, admits of error, anguish, and temporary defeat, but not of ultimate tragedy. Despair is a mortal sin against Marxism no less than against Christ."

(3, p. 341-342)

A presença de um herói com matriz histórica no teatro do século XX, em certos casos pelo menos, pode operar uma revivescência, em princípio anômala, de uma visão mítica (no sentido da restauração, do sacrifício propiciador e regenerador do cosmo, como que a recuperar os heróis cosmogônicos). Torna-se pensável também uma revivescência do trágico (no peso sacrificial do ato heróico, na sensação de equilíbrio reinstaurado, na presença de um propósito que transcende o indivíduo, como a noção de progresso ou evolução, por exemplo). É ainda e sempre a idéia de transcendência, de superação do puramente subjetivo. Parece irônico que se possa detectar mito e dimensão trágica exatamente na personagem de matriz histórica, mas o teatro, espaço reconhecida-mente "mágico", tem condições de operar tal milagre.

A referida revivescência mítica e trágica

não pode ser a simples retomada de mitos do teatro grego, apenas vestidos com roupagens modernas. Tal tentativa, no século XX, produziu mais fracassos completos que sucessos modestos, pois o elemento da Antigüidade original

"... is not a glove into which the modern can slip at will. The mythology of Greek drama was the expression of a complete and traditional image of life. [...] Racine was still able to use the myths of classic drama because their symbolism and conventions of meaning retained a certain vitality. [...] But today the context is so totally altered that the ancient myths appear in the modern playhouse either as a travesty or as an antiquarian charade."

(3, p. 329-330)

A única possível exceção a isso, para Steiner, é a *Antigone* de Anouilh, onde antigo e moderno estariam perfeitamente ajustados. A revivescência mítica e trágica, entretanto, não se reduz à crua adaptação de temas gregos, estendendo-se a figuras históricas até relativamente próximas de nós.

Na retomada dos mitos antigos, fracassada ou não, fica patente uma necessidade: a de um re

ferencial, de uma verdadeira dimensão mítica, de uma verdadeira dimensão trágica, mesmo num mundo em princípio anti-mítico e anti-trágico, onde he róis, particularmente os mártires (vítimas em sa crifícios propiciatórios) são encarados com for te suspeita. Tenta assim o teatro restaurar mito e dimensão trágica, às vezes na personagem de matriz histórica, por sua mágica, seu condão de integrar opostos, respondendo talvez ao profun do desejo humano de fugir à banalidade. Na fini tude da figura histórica procura-se resgatar uma visão de grandeza cósmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORNHEIM, G.A. *O sentido e a máscara*: São Paulo: Perspectiva, 1975.
2. ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963.
3. STEINER, G. *The death of tragedy*. London: Faber and Faber, 1963.